

O CONCEITO DE "DECADÊNCIA FISIOLÓGICA DA RAÇA"
E O DESENVOLVIMENTO DO DESPORTO EM PORTUGAL
(Finais do século XIX/Princípios do século XX)

*"A educação physical da raça é uma questão
de vida ou de morte para um paiz"*

Condeyras

Introdução

Em 1905 a disciplina de Educação Física entrou nos *curricula* escolares dos estudantes liceais. Por carta de lei de 29 de Agosto era reformado o ensino secundário e incluía-se, nos programas de estudo, o ensino da Educação Física (1), dando-se particular destaque à prática da ginástica sueca, nome pelo qual ficou conhecido o método de cultura física concebido e fundado por Ling, autor de nacionalidade sueca (2).

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

(1) Na reforma da instrução primária de 16 de Agosto de 1870, da responsabilidade de D. António da Costa, incluía-se a Educação Física (ginástica e higiene), no programa de estudos. Questões políticas impediram a concretização desta reforma que foi suspensa dois meses após a sua promulgação, Rómulo de Carvalho, *História do ensino em Portugal — Desde a fundação da nacionalidade até o fim do regime de Salazar - Caetano*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1986, pp. 604-605.

(2) Art. 4º da carta de lei de 29 de Agosto de 1905, José Máximo de Castro Neto Leite e Vasconcellos, *Collecção Official da Legislação Portuguesa, anno de 1905*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1906, p. 385.

Dificuldades de diversa natureza — carência de instalações adequadas à prática desportiva; falta de formação especializada de professores e preconceitos relativos à ginástica que era considerada por muitos como uma actividade própria de arlequins e acrobatas de circo ⁽³⁾ — impediram a aplicação daquela carta de lei, inviabilizando o exercício desta disciplina na maior parte dos liceus do nosso país. Anos mais tarde, em Fevereiro de 1910, o governo encarava a hipótese de estender a educação física ao ensino primário ⁽⁴⁾, projecto que veio a ser aprovado durante a vigência do I Governo Republicano.

A este nível da escolaridade os obstáculos foram, ainda maiores, de tal modo que o exercício da ginástica só em poucos estabelecimentos de ensino era praticado. Uma excepção neste quadro geral era representada pela Casa Pia de Lisboa onde, desde 1838, a ginástica se tornara disciplina obrigatória ⁽⁵⁾. Um caso à parte no panorama do desporto escolar de Oitocentos merecendo, por isso, os mais rasgados elogios de médicos e pedagogos e sendo citado como uma “instituição modelo da educação física” em Portugal ⁽⁶⁾.

Não obstante as dificuldades apontadas e o carácter tardio da legislação portuguesa relativamente a outros países europeus — na Alemanha setentrional, Suíça, Holanda, Dinamarca, Suécia e sobretudo

⁽³⁾ Um articulista não identificado do jornal *Os sports* de 2 de Maio de 1907, em artigo intitulado “A tuberculose e a escola”, refere-se a esta carta de lei nos seguintes termos: “Quanto á educação physica póde dizer-se que continua em completo abandono. Houve uma louvavel iniciativa de estabelecer a gymnastica nos lyceus, mas por falta de locais apropriados, por má organização ou ainda por outras causas, é certo que a frequencia e a disciplina n’esses exercicios deixam muito a desejar”, esclarecendo mais adiante: “Tenho presenciado o empenho que muitos paes de alumnos põem em livrar os seus filhos dos exercicios de gymnastica, pelo tempo que lhes rouba”. Contudo, os preconceitos relativos à ginástica são de longa data. Em 1879, Augusto Filippe Simões afirmava que “A maior parte da gente repugnam os exercicios. A uns parecem prejudiciaes, porque desconhecem os seus salutareos effeitos; a outros ridiculos, porque as pessoas sérias não se occupam de semelhantes cousas; a muitos, enfim, proprios não de moços bem educados, mas de arlequins e acrobatas”, *Educação Physica*, Lisboa, Livraria Ferreira, 1879, p. 349.

⁽⁴⁾ “Educação physica”, *Sport Nacional*, nº 2, de 23 de Fevereiro de 1910.

⁽⁵⁾ António Aurélio da Costa Ferreira, *Ginástica — Escola de moral e civismo*, separata da *Revista de Educação Geral e Técnica*, Lisboa, 1917, p. 3.

⁽⁶⁾ Augusto Filippe Simões, *ob. cit.*, pp. 349-361, e António Aurélio da Costa Ferreira, *ob. cit.*

na Prússia, a ginástica estava associada às primeiras letras desde cerca de 1840 (7) — a introdução da disciplina de educação física nos programas escolares oficiais é, não apenas reveladora de uma certa abertura aos modelos educativos que vigoravam nos países europeus, económica e tecnicamente mais desenvolvidos, e que se baseavam numa preparação simultaneamente intelectual, física e moral da criança — a chamada educação integral —, como também um indicador do desenvolvimento tomados pelo desporto e pela cultura física, em Portugal, nos finais do século XIX. Durante os últimos trinta anos deste século e até à I Guerra Mundial será atribuída à actividade desportiva uma importante missão político-social que justifica, em parte, a atenção que os poderes públicos lhe prestam: a de regeneração moral e física da população portuguesa.

Reconstituir algumas das causas desta verdadeira campanha pelo "rejuvenescimento da raça", como então se escrevia, e que estimulará quer a prática desportiva, quer o militarismo e o nacionalismo, é o meu objectivo nesta comunicação.

Do conceito de "degeneração" ao de "decadência fisiológica da raça"

Numa conferência proferida na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 1908, o Dr. Ardisson Ferreira enunciava os "quatro grandes flagelos" que, em sua opinião, estavam abastardando a raça portuguesa e ameaçavam aniquilar a espécie humana: as doenças venéreas, em particular a sífilis; o alcoolismo; a tuberculose e a mortalidade infantil, causada sobretudo pela gastro-enterite (8). Segundo este médico, só estas duas últimas doenças (a tuberculose e a gastro-enterite) teriam sido responsáveis, em 1903, pelo falecimento de 16% da população (9).

Fazendo coro com esta — e outras vózes — que procuravam consciencializar os órgãos dirigentes para a capacidade degeneradora da raça que era atribuída a estas doenças, o jornal *O Século* inicia, em 1908, uma intensa propaganda subordinada ao sugestivo lema *Regeneremos a raça*. Com uma regularidade diária são transcritos neste

(7) Augusto Filippe Simões, *ob. cit.*, p. 347.

(8) *Os quatro grandes flagellos do seculo XX — Tuberculose, avarigenese, alcoolismo, mortalidade infantil*, Lisboa, Typographia Universal, 1908.

(9) Dr. Ardisson Ferreira, *ob. cit.*, p. 3.

jornal depoimentos de médicos, relatórios, inquéritos escolares, descrição de casos clínicos e de visitas a hospitais e a instituições de assistência social que procuravam demonstrar os sinais de degenerescência da população portuguesa e da urgência da criação de mecanismos de prevenção médica e social como forma de “acudir ao definhamento pavoroso da raça” (10).

Poder-se-iam reproduzir muitos outros testemunhos similares. Porém, o que convém reter deste tipo de discurso é a mensagem de angústia face à saúde da população e, indirectamente, ao futuro da pátria que este transmite e que era sombriamente designada pela expressão “decadência fisiológica da raça portuguesa”.

As origens deste discurso remontam aos finais do século XVIII, quando médicos e moralistas se manifestaram contra a chamada “degeneração da espécie” e teceram críticas veementes ao estilo de vida aristocrático que responsabilizaram pela degradação dos costumes e deficiências orgânicas (11). O enfraquecimento dos tecidos, o raquitismo dos membros, a indolência e a prostração eram os sinais da corrupção dos corpos. A crítica dirigia-se, ainda, contra o jogo, a luxúria e as condições de vida que não estimulavam a regeneração física.

As novas necessidades criadas pela sociedade burguesa não se coadunavam com os comportamentos indolentes da aristocracia. Nesta linha, a exigência de um corpo forte e saudável, enrijado no contacto com a natureza e complementado com uma educação moral rígida e austera, indispensável à eficácia da vida prática, eram a garantia do cumprimento das responsabilidades criadas por uma vida de intensa participação nos níveis económico, político e social. Os novos tempos exigiam uma “vivacidade dinâmica” e, de modo algum, posturas lânguidas e indolentes (12).

Ao longo da segunda metade do século XIX este discurso será reactivado, embora com ligeiras modificações de conteúdo e de forma.

Com efeito, passa-se de uma crítica da degenerescência assente em valores morais e dirigida fundamentalmente contra a nobreza, para uma contestação à decadência física da maior parte da população

(10) *O Século* de 9 de Janeiro de 1908.

(11) Sobre este assunto veja-se Jorge Crespo, *A História do Corpo*, Lisboa, Difel, 1990.

(12) Alain Corbin, “Os bastidores”, in *História da vida privada*, vol. IV, *Da revolução à Grande Guerra*, sob a direcção de Philippe Ariès e de Georges Duby, Lisboa, Círculo de Leitores, 1990, p. 608.

fundamentada em razões de ordem patológica: o linfatismo, o raquitismo e, sobretudo, o desenvolvimento tomado pelas novas "pestes contemporâneas", qualificação que geralmente era dada à tríade constituída pela sífilis, tuberculose e alcoolismo. Em simultâneo, a terminologia altera-se e o termo "degeneração da espécie" é substituído pelo de "decadência" que se torna, aliás, um dos temas favoritos da literatura e da especulação política do fim do século (13).

Diversas circunstâncias ajudam a explicar a evolução que a terminologia reflecte. É o caso, entre outras, de modificações na geopolítica internacional decorrentes da derrota da França no conflito que a opôs à Prússia em 1870. Esta derrota foi atribuída à "inferioridade física do povo francês", enquanto que a vitória da Prússia ter-se-ia ficado, essencialmente, a dever à boa preparação dos soldados possibilitada pela "instrução gymnastica (...) primeiro na escola depois no regimento" (14).

Sem dúvida alguma que a prática da ginástica não explica, só por si, a capitulação de Paris e a perda da Alsácia e da Lorena. O aumento populacional, o desenvolvimento industrial, a riqueza do sub-solo e uma força militar poderosa foram factores bem mais decisivos na vitória prussiana (15).

Porém, esta derrota que ocorreu precisamente no país que era considerado, na época, o mais poderoso do continente europeu, teve grande impacto na opinião pública e, exarcebando o amor-próprio francês, conduziu ao nacionalismo, ao militarismo e a um inevitável questionamento sobre "as causas da decadência dos povos". A hegemonia política decorrente deste conflito será encarada em termos dicotómicos, fazendo-se opor à decadência dos povos meridionais a superioridade dos povos do norte europeu.

De entre as teses explicativas para este declínio é a medicina que oferece a interpretação científica mais consistente, ao filiar a decadência nas causas biológicas já referidas (16).

(13) A "alegria de viver" da *belle époque* tem precisamente uma das suas justificações nesta ansiedade relativamente à saúde presente numa sociedade que parecia caminhar para o seu termo, Robert A. Nye, *Crime, madness and politics in modern France — The medical concept of national decline*, Princeton, Princeton University Press, 1984, pp. 132-170.

(14) Augusto Filippes Simões, *ob. cit.*, p. 348.

(15) Pierre Milza, *Les relations internationales de 1871 à 1914*, Paris, Armand Colin, 1968, pp. 11-15.

(16) Robert A. Nye, *ob. cit.*

Esta tese tem o mérito de não só fornecer uma explicação para a origem da inferioridade física dos povos, mas também a de apresentar soluções para o seu engrandecimento, como seja a prática da ginástica, servindo, ainda, de justificação às medidas intervencionistas de profilaxia higieno-social defendidas pelos princípios higienistas. Tendo alcançado grande êxito, o sucesso desta tese não pode, porém, ser desligado do desenvolvimento da medicina e da valorização da ciência médica num contexto de progressiva laicização da sociedade. O próprio higienismo contribuiu para reforçar o poder da instituição médica na sociedade, quer pelas suas técnicas e saberes, quer pela capacidade de atracção de fundos públicos e privados para as suas campanhas (17).

Contudo, só nos finais do século XIX — princípios do século XX serão criadas, em Portugal, as condições para que este discurso vago e generalizante ganhe consistência teórica e eficácia social.

Num contexto de crise nacional e política despoletada pelo Ultimatum britânico, em 1890, a tese da “decadência fisiológica da raça portuguesa” assume uma dimensão quase trágica e converte-se numa “arma ideológica” que se esgrime contra a situação política vigente.

No preciso momento em que a pátria parecia soçobrar perante o imperialismo britânico e se impunha uma nação económica e politicamente forte, a fim de poder rebater a forte concorrência internacional, inúmeros autores, principalmente médicos — Samuel Maia, Alfredo da Costa, Ricardo Jorge, entre muitos outros — denunciavam a inferioridade física da população portuguesa. Esta parecia acompanhar a decadência moral da nação a que tinham conduzido os inconvenientes de uma monarquia corrupta.

Para todos estes autores, a ameaça de despovoamento provocado pela emigração para o Brasil; a grande percentagem de “incapazes, alienados, alcoólicos e portadores de doenças venéreas nas fileiras do exército”; o desenvolvimento de “um alfobre de tuberculosos que ha-de comprometer n’um breve futuro a economia nacional” (18), na expressão de Samuel Maia, eram os sintomas que auguravam um futuro sombrio para Portugal.

É, por conseguinte, em termos demográficos, militares e

(17) Jacques Léonard, *La vie quotidienne du médecin de Province au XIX^e siècle*, Paris, Hachette, 1977, pp. 217-226.

(18) “A parada da miséria”, *O Século* de 9 de Janeiro de 1908.

económicos que se analisam as consequências da decadência da raça, partindo-se do pressuposto de que uma população abundante e sadia era condição necessária e suficiente para preservar a capacidade económica e militar do país. Neste aspecto são bastante esclarecedoras as análises feitas sobre os custos financeiros que representavam para o país os doentes tuberculosos. Dadas as características da tuberculose que incidia maioritariamente no operariado e com frequência máxima entre os 15 e os 35 anos, idade produtiva por excelência, num país onde a esperança de vida não ultrapassava os 32 anos, o operário tuberculoso era encarado como uma máquina que urgia "reparar" de modo a que pudesse de novo "funcionar".

Com efeito, esta tomada de consciência das deficiências do estado fisiológico da população portuguesa é inseparável do nacionalismo decorrente do Ultimatum britânico. Não será por conseguinte de estranhar que este discurso, embora não esteja adscrito a qualquer corrente ideológica seja, sobretudo, utilizado e reivindicado por republicanos ou simpatizantes da causa republicana.

A transformação política que se desejava para o país passava também pela alteração das condições fisiológicas da população. Embora seja pessimista na sua formulação, esta consciência apocalíptica das ameaças que pesavam sobre a saúde do povo português associa à convicção catastrófica do futuro a certeza de que a sobrevivência é possível para os indivíduos física e moralmente capazes. Nesta medida, o conceito de decadência articula-se com o de regeneração, assumindo esta palavra quase uma dimensão religiosa — a de salvação nacional.

Da "decadência fisiológica da raça portuguesa" ao seu "rejuvenescimento": causas e soluções

Duas ordens de factores fundamentavam esta tese: por um lado, a "verdade dos números", como tantas vezes era referida, entendendo-se por números, os resultados das estatísticas obituárias e os de inquéritos efectuados por médicos junto de populações escolares, de recrutas ou em qualquer outra circunstância da sua actividade profissional; por outro, os princípios defendidos pela teoria higienista quanto à forma de transmissão das "pestes contemporâneas" (sífilis, tuberculose e alcoolismo) e que se baseava no princípio da hereditariedade.

A primeira ordem de factores é relativamente sólida. A análise

da "causa mortis" extraída das Tabelas do movimento fisiológico da população de Portugal — Décenio de 1901-1910 ⁽¹⁹⁾ põe em evidência a mortalidade atribuída à tuberculose e aos distúrbios gastro-intestinais (diarreia e enterite), em crianças até aos dois anos de idade, mas que não pode ser considerada excessiva quando confrontada com outros países ⁽²⁰⁾. Assim, enquanto a tuberculose, nas suas formas pulmonar, meníngea, intestinal e óssea foi responsável pela mortalidade de 5,8% da população portuguesa no período de 1902-1910, os distúrbios gastro-intestinais estiveram na origem do falecimento de 8,4% de crianças até aos dois anos, percentagem que subirá aos 11,7% se se alargar a pesquisa a todas as crianças falecidas com este diagnóstico, independentemente da idade (Quadro I).

O quadro obituário não é, por conseguinte, tão negro quanto o pintavam. Aliás, uma das únicas vozes dissonantes no coro das "carpideiras nacionais" que se recusava a "ver o futuro com lugubres cores", a do médico J. Evaristo de Moraes Sarmiento, cirurgião dos hospitais e professor da Escola de Farmácia de Lisboa, chamava, em 1908, a atenção para o crescimento demográfico da população e punha em causa as generalizações apressadas, alertando para a impossibilidade de aplicar à maioria da população portuguesa conclusões que são, sobretudo, válidas para os dois principais centros urbanos: Lisboa e Porto ⁽²¹⁾.

⁽¹⁹⁾ Lisboa, 1916. É provável, porém, que os valores indicados nesta fonte estejam subestimados, visto que a alta percentagem atribuída às "doenças ignoradas ou mal definidas" — 36,1% — vicia os cálculos, retirando fiabilidade a esta estatística.

⁽²⁰⁾ A mortalidade infantil em Portugal era inferior à dos restantes países latinos, o que se deve atribuir, segundo Sobral Cid, à "prépondérance numérique des populations rurales", *Mortalité infantile en Portugal — Quelques documents statistiques*, Coimbra, Imprimerie França Amado, p. 2. Este mesmo médico num artigo publicado no jornal *O Século* de 25 de Fevereiro de 1908 considera a diarreia como "uma das mais terríveis enfermidades da primeira infância".

⁽²¹⁾ Inquérito efectuado pelo jornal *O Século* de 1 de Julho de 1908 e subordinado ao título "O que dizem os medicos". Opinião idêntica é formulada por Bento Carqueja que afirma "sob o aspecto demographico, não ha motivo para sobresalto", *O povo portuguez — Aspectos sociaes e economicos*, Porto, 1916, p. 418.

Quadro I
Principais causas de morte de 1902 a 1910

Doenças	Número de casos			
	Lisboa	Porto	Contínente	%
Febre tifóide	741	338	8151	0,8
Tifo exantemático	14	4	465	0,05
Febre intermitente e caquexia palustre	145	26	3851	0,38
Varíola	1013	1535	14308	1,4
Sarampo	672	1090	11202	1,1
Escarlatina	124	22	746	0,07
Tosse convulsa	492	310	7143	0,7
Difteria e garrotilho	439	416	4689	0,46
Gripe	1109	353	13708	1,34
Cólera asiática	0	0	0	0
Cólera "nostras"	0	0	3	0
Outras doenças epidémicas	368	241	2922	0,29
Tuberculose dos pulmões	11099	5817	49062	4,8
Tuberculose das meninges	930	489	3134	0,31
Outras tuberculoses	1314	1110	6609	0,65
Cancro e outros tumores malignos	2833	1020	11643	1,14
Meningite simples	1991	1722	9700	0,95
Meningite cérebro-espinhal epidémica	440	128	1920	0,19
Congestão, hemorragia e amolecimento cerebral	4831	1825	45352	4,44
Lesões orgânicas do coração	7200	2092	45736	4,48
Bronquite aguda	3963	2860	30061	2,94

Quadro I
Principais causas de morte de 1902 a 1910 (*continuação*)

Doenças	Número de casos			
	Lisboa	Porto	Continente	%
Bronquite crónica	534	348	6388	0,63
Pneumonia	2725	1041	42833	4,19
Outras doenças do aparelho respiratório	4431	3621	16746	1,64
Doenças do estômago (excepto cancro)	332	247	4934	0,48
Diarreia e enterite (até 2 anos)	7692	7595	85927	8,41
Diarreia e enterite (além dos 2 anos)	1761	2498	34011	3,33
Hérnias e obstruções intestinais	477	242	3660	0,36
Cirrose do fígado	728	347	5452	0,53
Nefrite e mal de Bright	1510	695	9639	0,94
Tumor n/ cancer. e outras doenças dos org. genit. da mulher	178	111	955	0,09
Spiticémia puerperal (febre, peritonite, flebite puerperais)	320	128	3204	0,31
Outros acidentes puerperais da gravidez e do parto	220	117	2634	0,26
Debilidade congénita e vícios de conformação	3077	2322	41432	4,06
Debilidade senil	3582	1307	49570	4,85
Mortes violentas (excepto suicídios)	1036	765	12929	1,27
Suicídios	289	169	2575	0,25
Outras doenças	11058	5292	59851	5,86
Doenças ignoradas ou mal definidas	4429	1507	368274	36,1
TOTAL	84097	49750	1021419	100
Fonte: Tabelas de movimento fisiológico da população de Portugal (...)				

Com efeito, é nestas cidades que a mortalidade causada pelas patologias atrás indicadas evidencia índices preocupantes. No período de 1902-1910, a tuberculose esteve na origem de 15,9% e 15% dos óbitos aqui ocorridos, enquanto os distúrbios gastro-intestinais foram responsáveis pelo falecimento de 11,2% e 20,3% das crianças, respectivamente em Lisboa e no Porto (Quadro II).

Quadro II
Mortalidade causada pela tuberculose e problemas
gastro-intestinais de 1902 a 1910
(Número de casos)

	Lisboa	%	Porto	%	Cont.	%
Tuberculose (pulmonar, meningica e outras)	13343	15,87	7416	14,91	58805	5,76
Diarreia e enterite infantis	9453	11,24	10093	20,29	119938	11,7

Fonte: Tabelas do movimento fisiológico da população de Portugal (...)

As taxas de mortalidade por mil habitantes confirmam a incidência destas doenças nestas duas cidades (Quadro III) ⁽²²⁾.

Quadro III
Taxa de mortalidade por mil habitantes
(1902 a 1910)

	Lisboa	Porto	Continente
Tuberculose (pulmonar, meningica e outras)	3,8	2,3	1,2
Diarreia e enterite infantis	2,7	3,1	2,5

Fonte: Tabelas do movimento fisiológico da população de Portugal (...)

⁽²²⁾ Estas taxas foram calculadas, dividindo-se o número médio anual de indivíduos mortos com estas doenças pelo número médio da "população de facto" do continente e das cidades de Lisboa e do Porto entre 1900 e 1911 (valores obtidos a partir dos *Recenseamentos da população* de 1900 e 1911).

A miséria, a promiscuidade e as deficientes condições higiénicas explicariam a morbilidade da tuberculose que grassava, sobretudo, na classe operária. A prática do aleitamento mercenário, por amas, nas classes superiores; a alimentação sólida prematuramente ministrada a crianças; a difusão do trabalho industrial entre as mulheres e o abandono a que eram votadas as crianças durante grande parte do dia por mães que trabalhavam fora de casa eram, por seu turno, as razões apontadas por alguns médicos para os altos índices da mortalidade infantil (23).

A tese da decadência fisiológica da raça portuguesa fundamenta-se, ainda, na teoria higienista que responsabiliza a falta de higiene do meio ambiente pela maior parte das doenças. De acordo com os princípios defendidos por esta teoria, as doenças são provocadas pelo meio social, estando a saúde de uma população directamente relacionada com as suas condições de vida (24).

Face à dominância destes pontos de vista, a grande preocupação dos meios académicos centrava-se na hereditariedade e formas de aquisição das doenças.

Assim, muito antes de Robert Koch ter isolado o bacilo causador da tuberculose (1882) e ter estabelecido a sua forma de propagação através do contágio, a tuberculose — a física na terminologia do tempo — era considerada uma enfermidade hereditária, embora pudesse permanecer latente por um tempo, mais ou menos prolongado, até que determinadas circunstâncias ambientais — o clima, a alimentação deficiente, o ar viciado, etc. — a pudessem despoletar (25).

Hereditário era também considerado o alcoolismo, atribuindo-se-lhe, ainda, o facto de ser progressivo. Samuel Maia numa conferência proferida no Club das Amoreiras, agremiação operária, equacionava assim esta tese: "Tu bebes? Pois teu filho beberá mais do que tu, teu neto ainda mais e assim cada vez mais até a geração se extinguir" (26).

(23) Sobral Cid, *ob. cit.*, p. 5.

(24) C. Herzlich, "Medecine moderne et quête de sens: la maladie signifiant social", e J. Pierret, "Les significations sociales de la santé: Paris, l'Essonne, l'Hérault", in *Le sens du mal — Anthropologie, histoire, sociologie de la maladie*, sous la direction de Marc Augé et Claudine Herzlich, Paris, Éditions des Archives Contemporaines, 1986, pp. 189-191 e 218-221.

(25) Jorge Molero Mesa, *Estudios medicosociales sobre la tuberculosis en la España de la Restauracion*, Madrid, 1987, pp. 9-36.

(26) O Século de 27 de Janeiro de 1908.

Com verdadeira força mediática, o álcool era acusado de transformar o homem numa besta feroz, embrutecendo-o e predispondo-o para o crime num contexto geral de depravação de sentimentos. "O heredo-alcoolico de segunda geração é um ser perigoso" escrevia João Serras Silva numa dissertação de licenciatura apresentada à Faculdade de Medicina de Coimbra, nos finais da década de 90, adiantando: "Nestes filhos e netos de alcoólicos os maos instintos aparecem cedo" (27).

De acordo com os pontos de vista médicos, os genes da subversão transmitiam-se e, através do alcoolismo, o perigo estendia-se a toda a sociedade, aspecto tanto mais grave quanto o alcoolismo era associado às classes trabalhadoras. Naturalmente que o alcoolismo das classes superiores — o alcoolismo da genebra, do cognac, do brandy... — não provocava comentários. Aliás, os primeiros estudos estatísticos sobre a criminalidade tendem a correlacionar positivamente os dois fenómenos, conclusões que análises posteriores vieram matizar.

Com efeito, as doutrinas positivistas naturalistas e sociológicas do século passado e do início do actual, na tentativa de encontrarem uma explicação mecânico-causal da conduta social do homem, converteram o alcoolismo em factor fundamental da criminalidade, realçando os efeitos maléficos do álcool, quer no organismo do indivíduo, quer nas relações sociais, quer na hereditariedade. As investigações que neste domínio eram feitas procuravam demonstrar a responsabilidade do álcool na génese do crime, chegando João Bacelar a imputar ao alcoolismo a maior parte dos crimes contra pessoas (28). Só a partir de meados deste século estas teses começaram a ser postas em causa. À medida que crescia a sociedade de consumo e com ela o alcoolismo impôs-se a necessidade de desmistificar as relações entre o álcool e o crime, analisando-as à luz de princípios científicos mais objectivos baseados, sobretudo, na observação dos efeitos do álcool no organismo e no estudo criterioso das estatísticas comparadas. Naturalmente se chegou à conclusão que os resultados anteriormente obtidos eram exagerados e careciam de fundamento. Partia-se de uma intuição que se procurava demonstrar na prática e as estatísticas eram apenas o suporte de teorias.

(27) "O alcoolismo, suas manifestações diversas e seu grau de influencia sobre a responsabilidade moral dos alcoolicos delinquentes", *Coimbra Medica*, Coimbra, 17º anno, Imprensa da Universidade, 1897, p. 251.

(28) *Alguns casos criminaes*, Lisboa, 1922.

O álcool era, pois, de acordo com os pontos de vista dominantes na segunda metade do século passado, um instrumento de mediação na medida em que permitia transformar um homem são num criminoso, num contexto geral de depravação dos sentimentos. Da desordem física passava-se, à desordem moral ⁽²⁹⁾.

De facto, o alcoolismo era um fenómeno em expansão, sobretudo depois de 1870, acompanhando o desenvolvimento da viticultura ⁽³⁰⁾. Vários indícios o confirmam. É o caso, entre outros indicadores, do aumento do número de delitos cometidos em estado de embriaguez e da disseminação das tabernas e das vendas de vinho, recenseando-se no início deste século para todo o continente, segundo Anselmo de Andrade, "29035 (...) correspondendo a uma taberna por 190 habitantes" ⁽³¹⁾. A expansão social do alcoolismo não é uma invenção, mas a gravidade que lhe era atribuída não pode ser desligada do contexto político-social do período que antecede a implantação da República ⁽³²⁾.

À semelhança do alcoolismo, também se considerava que a perversão se filiava biologicamente na sífilis — a avarigenese na designação do tempo — sendo os descendentes de doentes sífilíticos tidos como "creaturas preveras e inconscientes com uma espantosa tendência para o crime" ⁽³³⁾.

Todas estas afirmações, um pouco exageradas e nem sempre correctas à luz da moderna epidemiologia, traçam a tendência dominante do discurso médico Oitocentista sobre as chamadas "pestes contemporâneas", sendo estas consideradas como causa ou consequência de factores de ordem socioeconómica ou moral: a miséria ou a dissolução dos costumes. Tem-se a convicção que estas patologias não só se interrelacionam mutuamente mas que, ao inverso das epidemias dos tempos recuados, além do corpo afectam também a alma. A desordem do corpo é acompanhada pela desordem moral e da

⁽²⁹⁾ Yves Lequin, "Au péril de la race", in *Les malheurs des temps — Histoire des fléaux et des calamités en France*. Sous la direction de Jean Delumeau et Yves Léquin, Paris, Larousse, 1987, pp. 435-439.

⁽³⁰⁾ Irene Maria Vaquinhas, *Violência, justiça e sociedade rural — Os campos de Coimbra, Montemor-o-Velho e Penacova de 1858 a 1918*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1990, pp. 412-418.

⁽³¹⁾ *Portugal económico — theorias e factos*, nova edição em dois tomos, Coimbra, F. França Amado Editores, 1918, p. 130.

⁽³²⁾ Irene Maria Vaquinhas, *ob. cit.*, pp. 410-412.

⁽³³⁾ *O Século* de 27 de Janeiro de 1908.

perversão do corpo passa-se, imperceptivelmente, à perversão das almas ⁽³⁴⁾.

Impotente para curar e lutar eficazmente contra os "flagelos sociais", cuja etiologia era ainda desconhecida, uma parte do sector médico apoiado financeiramente por elementos da burguesia, da nobreza, certos sectores católicos e pelos próprios monarcas, lança-se numa verdadeira batalha pela higiene e "revigoramento da raça", desenvolvendo acções filantrópicas de diversa índole.

No último quartel do século XIX, as descobertas de Pasteur, ao estabelecerem a base da teoria da etiologia específica, isto é, cada doença é devida à acção específica de um germen, iriam fornecer uma explicação para a maior parte das doenças e relegar para segundo plano as causas sociais. O higienismo não desaparece mas torna-se cientificamente secundário.

Com efeito, a noção de etiologia específica e a causalidade atribuída aos germens na maior parte das doenças vai permitir a organização de acções profilácticas eficazes. Graças ao contributo da bacteriologia e da fisiologia desenvolve-se uma medicina curativa capaz de lutar eficazmente contra a acção dos agentes patogénicos.

Assim, e a título meramente exemplificativo, a esterilização do leite a partir de 1890 vai permitir o controlo progressivo da diarreia infantil, "el verdadero Herodes de los niños", como a qualificava um médico espanhol ⁽³⁵⁾; a introdução da assépsia nos serviços hospitalares contribuirá para reduzir a mortalidade pós-cirúrgica, enquanto a organização das redes de saneamento urbano e de abastecimento da água potável irá possibilitar o controle da febre tifóide. Paralelamente tem lugar a criação de uma verdadeira infra-estrutura médica na qual se destacam as obras tendentes à protecção sanitária da infância.

Dispensários, sanatórios, lactários, creches, postos médicos, colónias de férias, apoio domiciliário a mães são algumas das instituições de protecção social e médicas então criadas. Apenas alguns

⁽³⁴⁾ No fundo, é a questão da hereditariedade — e tudo o que a pressupõe, em particular, o antecedente patológico — que preocupa a burguesia. Receosa com a integridade do património genético, que mitifica, considerando-o como a essência que conferia à aristocracia, de geração em geração, o carácter distintivo, teme os efeitos do "mau sangue" na descendência, evitando-o a todo o custo, através de uma escolha matrimonial criteriosa e de uma conduta "honestá". Caso contrário, os filhos pagariam as faltas cometidas pelos pais.

⁽³⁵⁾ O Século de 25 de Fevereiro de 1908.

casos significativos. Assim, em 1876, era fundada, em Lisboa, a Associação das Creches, sob o patrocínio da rainha D. Maria Pia ⁽³⁶⁾; em 1893, em Alcântara, o Dispensário da Rainha D. Amélia, destinado a prestar assistência médica, cirúrgica e alimentar, bem como rudimentos de higiene infantil às crianças pobres ⁽³⁷⁾. A rainha D. Amélia tem, ainda, o seu nome ligado à fundação, em 1899, da Liga Nacional contra a Tuberculose, promotora de iniciativas de índole diversa, desde a criação de sanatórios de serra e de mar, a acções de propaganda e vulgarização higiénica ⁽³⁸⁾. Em 1901 era criado pela Associação Protectora da Primeira Infância, em Lisboa, próximo ao bairro de Alfama, o primeiro lactário destinado a “fornecer leite e seus sucedaneos (...) ás creanças de peito que não possam ser amamentadas pelas mães” ⁽³⁹⁾ e, em 1907, pela Misericórdia de Lisboa, o Posto de Socorros, Pesagem e Consulta Diária de Crianças ⁽⁴⁰⁾.

A estratégia de combate às doenças incluía, também, outras formas de profilaxia. É o caso da propaganda, oral e escrita, em favor da higiene infantil, sobretudo da alimentação láctea ⁽⁴¹⁾, chegando alguns médicos a promover, como forma de divulgação deste tipo de

⁽³⁶⁾ O *Século* de 18 de Fevereiro de 1908.

⁽³⁷⁾ O *Século* de 26 de Janeiro de 1908, e F. da Silva Correia, *Portugal sanitário (Subsídios para o seu estudo)*, Lisboa, 1938, p. 457.

⁽³⁸⁾ Em 1902 foi inaugurado o Sanatório Marítimo de Carcavelos; em 1907, o da Guarda destinado ao tratamento da tuberculose pulmonar; em 1909, o de Portalegre também para a tuberculose pulmonar e, em 1912, o do Lumiar igualmente para este tipo de tuberculose, F. da Silva Correia, *ob. cit.*, pp. 437-438 e 457-458; Bento Carqueja, *O povo portuguez, aspectos sociaes e economicos*, Porto, Livraria Chardron, de Lello e Irmão, Editores, 1916, pp. 312-313.

⁽³⁹⁾ “Lactario de Lisboa”, *A Ilustração Portuguesa*, 16 de Dezembro de 1907, p. 783.

⁽⁴⁰⁾ O *Século* de 18 de Janeiro de 1908.

⁽⁴¹⁾ Entre outros depoimentos, veja-se os que se encontram transcritos no jornal *O Século* de 6, 10, 11, 13, 14 e 19 de Janeiro de 1908. Após a descoberta dos micróbios por Pasteur inicia-se a campanha em favor da esterilização do leite. Até essa altura estava bastante difundida a ideia de que o leite nunca deveria ser fervido, pois que “a ebulição desassociando os seus elementos, modificando a sua homogeneidade, affasta-o do natural e constitue portanto um uso vicioso”, devendo ser ministrado “tal qual sahe do ubre do animal na ocasião em que se ordenha e ainda quente”, Aurelio Teixeira de Castro, *Breves considerações acerca da educação da primeira e segunda infância*, Lisboa, Typographia Nova Minerva, 1878, p. 21.

alimentação, a organização de exposições e concursos das crianças mais robustas pois, como afirmava o médico Samuel Maia, "se nós temos cysanthenos com mais de uma centena de folhas; se temos cravos do tamanho de repolhos, porque não havemos de ter crianças de 10 Kg com a pele da cor dos cravos cor-de-rosa(...)"⁽⁴²⁾.

Dirigido às classes trabalhadoras, este movimento humanitário não é ideologicamente isento. Sob a capa da filantropia e da luta contra os flagelos sociais esconde-se a vontade de enquadramento social das classes trabalhadores e da sua moralização, tentando-se inculcar os valores burgueses da higiene, da sobriedade, da moderação. Da caça aos germens passa-se, imperceptivelmente, à caça aos portadores de germens.

Nesta medida, o conceito de decadência fisiológica da raça portuguesa torna-se o pretexto para um intervencionismo político e controlo social, impondo-se uma série de prescrições sobre o modo de vida em geral: comportamentos familiares, sexuais, alimentares, etc. Nesta campanha de "moralização pela higiene" da classe trabalhadora, a medicina não está, por conseguinte, ausente. A puericultura, os cuidados com a primeira infância, a escola obrigatória e a higiene tornam-se um dos pilares da moral laica e são, igualmente, um dos meios de que a medicina se serve para fazer impor os seus pontos de vista sobre a gestão do corpo e da saúde.

Ora, de entre os meios preventivos propostos pelo higienismo para conjurar os riscos de "destruição da sociedade" que poderia decorrer do enfraquecimento físico e moral da população, destaca-se a prática do desporto, sobretudo da ginástica⁽⁴³⁾. Esta importante

⁽⁴²⁾ O *Século* de 6 de Janeiro de 1908.

⁽⁴³⁾ São particularmente referidas as vantagens da ginástica na profilaxia da tuberculose, desenvolvendo não só a caixa torácica mas também a sua "mobilidade, circulação, nutrição e vitalidade", "Memorial dirigido ao governo pelos professores de gymnastica da capital", *Tiro e Sport*, 31 de Agosto de 1907. Sobre este assunto veja-se, ainda, Antonio Gaspar de Souza Araujo e Menezes, *Da gymnastica medica como meio hygienico e therapeutico*, Lisboa, Typographia Nova Minerva, 1878, pp. 58-60 e Augusto Filippe Simões, *A civilização, a educação e a phthistica*, Lisboa, Livraria Ferreira, 1879, pp. 43-47. Qualidades semelhantes na profilaxia das doenças pulmonares se reconhecia na disciplina de canto coral.

Não são raros, também, os criminalistas que vêm no desenvolvimento das associações desportivas um meio eficaz de lutar contra a delinquência. Na sua opinião, estes agrupamentos canalizam a violência, substituem a família e cimentam a sociedade.

missão resultava do papel que se atribuía ao exercício físico na conservação da saúde e da beleza corporal, bem como no papel que se lhe reconhecia na moralização das condutas e formação da personalidade, permitindo, como se escrevia num artigo publicado na revista *Tiro e Sport* de 15 de Agosto de 1911, "Reagir contra os desejos intensísimos e paixões arrebatadas que, em geral, nos dominam nos melhores anos de existência".

A associação do vigor físico com os aspectos morais do comportamento humano, permitindo a concretização do ideal clássico de "*mens sana in corpore sano*", é um traço comum aos autores que se debruçam sobre esta matéria, pondo-se em confronto a "energia viril" dos homens que fizeram as descobertas com a inacção física dos contemporâneos (44), devido à "preferência dada ao trabalho intelectual e ás profissões sedentárias" (45).

Verdadeira pedagogia moralizadora da correcção e da decência, reconhecia-se na educação física não só a capacidade para assegurar a saúde da população, fundamental para o trabalho e para a guerra, como era também considerada um meio que facilitava a interiorização das normas e dos valores dominantes. "Disciplina, atenção, vontade, método, ordem", qualidades fundamentais de um bom cidadão e de um bom soldado, numa Europa onde pairava já a ameaça latente de guerra eram, em suma, as aptidões que, na opinião de António Aurélio da Costa Ferreira, director da Casa Pia de Lisboa, no início deste século, se adquiriam e desenvolviam com o exercício da ginástica (46).

A associação entre os exercícios militares e os exercícios ginásticos está presente na criação dos batalhões escolares. É o caso do batalhão fundado em Cacia, em 1908, pelo professor primário local, onde a par da educação física se instruía o aluno na "escola do soldado" (47).

Finalmente, a convicção de que o desporto era uma condição

(44) Adriano Xavier Lopes Vieira, "A importancia da gymnastica em medicina", *O Instituto*, vol. XXVIII, Segunda serie, Julho 1880 - Junho 1881, Coimbra, p. 322. Este autor salienta como principais factores da vida sedentária, a utilização do vapor na indústria, bem como o desenvolvimento tomado pela arte da guerra, sobretudo a artilharia que tornaram desnecessária a robustez física.

(45) "Como se lucha. Tratado pratico de lucha franceza", *A Ilustração Portuguesa*, 2ª série, 2º semestre, 6 de Agosto de 1906, p. 5.

(46) *Art. cit.*, p. 5.

(47) *O Século* de 31 de Janeiro de 1908.

sine qua non da regeneração física e moral da população animará muitos dos grupos e sociedades desportivas criados por todo o país. Durante os últimos 30 anos do século XIX e até aproximadamente à I Guerra Mundial, a actividade desportiva atingirá um nível de significado político até essa data nunca alcançado, conferindo-se-lhe o carácter de um dever nacional.

Do desporto como atributo de uma minoria social ao nacionalismo desportivo

Durante séculos apanágio da nobreza, o desporto era, no século XVIII, um divertimento elegante e, sobretudo, uma forma de vincar, pela maneira de viver, o estatuto social. A esgrima, a equitação e a dança eram as actividades físicas desenvolvidas, constituindo aspectos imprescindíveis do verdadeiro nobre, como salienta Manuela Hasse no estudo feito sobre *A educação física no Real Collegio dos Nobres de Lisboa (1761-1837)* (48). O objectivo a atingir não era o de um determinado apuramento físico e moral, como no período medieval, mas o de vincar um estatuto de destaque e supremacia social, "uma vez que os meninos do Colégio dos Nobres só pelo facto de disporem destas actividades se distinguiam do resto da população portuguesa que a elas (...) não tinha absolutamente acesso".

Apesar destes exercícios, hábitos de sedentariedade caracterizavam a vida escolar do jovem fidalgo. Desde finais do século XVIII, este tipo de instrução tende a ser cada vez mais contestado, perdendo o carácter distintivo, numa sociedade que começava a apresentar novas exigências. E, paralelamente à denúncia dos perigos decorrentes de uma vida sedentária e ociosa, elogiam-se as actividades praticadas ao ar livre, os banhos frios, o mar, as termas e, naturalmente, também a ginástica.

As obras de Francisco de Mello Franco e Francisco José de Almeida, sugestivamente com o mesmo título *Tractado da educação física dos meninos para uso da Nação Portuguesa*, editados respectivamente em 1790 e 1791 pela Academia Real das Ciências, são dois exemplos significativos desta fase de contestação dos velhos sistemas pedagógicos e nas quais os seus autores expõem as vantagens fisiológicas dos exercícios físicos (49).

(48) *Ludens*, vol. 5, nº 4, Julho-Setembro 1981, pp. 23-27.

(49) Dr. Raul G. da Silva Viana, "Esboço da educação física em Portugal",

Em 1828 é criado no Instituto Industrial e Comercial, de Lisboa, o primeiro ginásio escolar⁽⁵⁰⁾. Trata-se, porém, de um caso sem exemplo e será preciso esperar pela vaga nacionalista do último quartel do século XIX para se divulgar uma intensa campanha em favor do desporto, criando-se, em simultâneo, associações desportivas por todo o país⁽⁵¹⁾. O carácter patriótico destas sociedades que incluem sempre nos seus programas "a regeneração da raça" não deve, contudo, dissimular a sua função lúdica.

Acompanhando a vaga de associativismo do final do século, Portugal cobre-se de uma série de sociedades ginásticas, clubes desportivos e salas de armas. Desta forma, em 18 de Março de 1875 é fundado o *Real Gynasio Club Português*, a primeira instituição que ensaiou o método da ginástica racional preconizado por Ling⁽⁵²⁾; o *Velo Club*, em 1891⁽⁵³⁾; o *Grupo Académico Football* de Lisboa, em 1897⁽⁵⁴⁾; a *União Velocipédica Portuguesa*, em 14 de Dezembro de 1899⁽⁵⁵⁾; o *Centro Nacional de Esgrima*, em 1901⁽⁵⁶⁾; o *Sporting Club de Lisboa*, em 1 de Julho de 1906⁽⁵⁷⁾; o *Sport Lisboa e Benfica* em 13 de Setembro de 1908⁽⁵⁸⁾. Poder-se-ia enumerar muitos outros casos. Naturalmente que esta vaga de associativismo desportivo não se fez de uma forma uniforme.

Na impossibilidade de fazer a inventariação exaustiva de todas

Arquivo de Anatomia e Antropologia, Vol. VIII, 1923, Lisboa, 1923, 1924, pp. 316-321.

⁽⁵⁰⁾ Dr. Raul G. da Silva Viana, *art. cit.*, p. 321.

⁽⁵¹⁾ Situação semelhante se verificou em França logo após o conflito franco-prussiano, Benoît Lecoq, "Les sociétés de gymnastique et de tir dans la France républicaine (1870-1914)", *Revue Historique*, n.º 559, Juillet-Septembre 1989, pp. 157-166. Sobre as vantagens destas associações em Portugal veja-se, ainda, Henrique das Neves, "A excursão dos Atiradores Civis Estrela e as sociedades para exercícios físicos em Portugal", *Branco e Negro*, Tomo I, n.º 2, 1.º ano, 12 de Abril de 1896.

⁽⁵²⁾ *Tiro e Sport*, 31 de Março de 1909.

⁽⁵³⁾ *Branco e Negro*, 13 de Junho de 1897.

⁽⁵⁴⁾ *Branco e Negro*, 13 de Junho de 1897.

⁽⁵⁵⁾ Data indicada na capa do Boletim Oficial desta associação.

⁽⁵⁶⁾ *Tiro e Sport*, 15 de Novembro de 1907.

⁽⁵⁷⁾ "Sporting Club de Portugal", in *Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 17.º, Lisboa, Editorial Verbo, pp. 632-633.

⁽⁵⁸⁾ "Benfica, Sport Lisboa e", in *Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira ...*, vol. 3.º, pp. 1073-1974. Este clube resultou da fusão do *Sport Club de Benfica* e o *Sport Lisboa*, fundado em 28 de Fevereiro de 1904 por 24 sócios.

as associações então criadas, bem como a sua distribuição a nível do continente, a análise da repartição geográfica dos sócios da *União Velocipédica Portuguesa*, associação promotora de um dos desportos que maior desenvolvimento assume durante este período — o ciclismo —, pode dar uma ideia da implantação regional desta forma de sociabilidade. Assim, no período de Setembro de 1905 a Setembro de 1906, para um total de 722 sócios, 412, ou seja 57%, são oriundos do distrito de Lisboa (Mapa). Esta cidade, com um total de 343 sócios afirma-se como a capital de um "patriotismo desportivo e associativo". Os restantes sócios distribuem-se um pouco por todo o país, embora não de um modo uniforme. Os distritos de Leiria (6,4%), Santarém (6,6%) e Beja (6,1%) acusam as percentagens mais elevadas, da ordem dos 6% cada, enquanto os restantes distritos atingem valores inferiores, com excepção de Vila Real e Bragança que não têm qualquer sócio.

As regiões do interior parecem resistir melhor às inovações do século. As condições orográficas adversas, a permanência dos jogos tradicionais, entre outros factores, são razões a ter em conta para a fraca implantação do "desporto da moda" nestas regiões.

Difícilmente as conclusões deste esboço da implantação do ciclismo à escala nacional se podem generalizar para as restantes modalidades desportivas. Só um estudo em profundidade sobre esta matéria permitiria estabelecer a "carta geográfica" definitiva deste nacionalismo desportivo.

Porém o que convém, ainda, salientar é o poder reivindicativo adquirido por alguns clubes, geralmente associados em Ligas e Federações, tornando-se interlocutores válidos perante as autoridades. Assim, os Professores de Ginástica da capital, unidos na *Sociedade Promotora de Educação Física*, apresentaram ao governo, em 1907, um longo *Memorial* em que reclamavam, entre outras medidas, a "assistencia medica diaria nos lyceus" e a "necessidade de se fundar uma escola normal de Gymnastica para a preparação dos professores" ⁽⁵⁹⁾. De modo semelhante, a *União Velocipédica Portuguesa*, em 1909, em representação dirigida à Câmara Municipal de Lisboa, exigia a diminuição dos "custos da licença para o transito de bycicleta", pois, como escreviam os autores do texto, "No momento actual, quando a sciencia se debate pelo salvamento das raças por meio da educação physica, tem a velocipedia obtido o conceito

⁽⁵⁹⁾ *Tiro e Sport*, 31 de Agosto de 1907.

favoravel de verdadeiras notabilidades que a consideram como um dos meios prophylacticos da degenerescencia das mocidades(...) pelo que a União Velocipedica Portugueza tem consummido uma grande somma de trabalho na propaganda. Quasi baldados, porém, tem sido os seus esforços, porque os resultados obtidos não tem sido proporcionaes a essa despeza de labor pela falta de auxilio das entidades officiaes" (60).

Em conclusão:

Durante a segunda metade do século XIX assiste-se, por toda a Europa, a uma preocupação crescente com as estatísticas criminais, as manifestações de insanidade, as aberrações sexuais como formas de degenerescência física ou psicológica. Esta preocupação, demasiado exagerada, reflecte sobretudo a moral da burguesia que fundamenta o seu sistema ético na auto-disciplina, sobriedade e moderação, encarando com suspeita todos os comportamentos sociais que não se enquadravam nestes parâmetros.

A partir de finais da década de 70, o imperialismo, o desenvolvimento industrial e a nova conjuntura política caracterizada pela preponderância alemã no continente europeu, exacerbou esta ansiedade, vulgarizando-se o conceito médico de decadência fisiológica, enquanto se disseminam novas patologias. Num contexto geral de crescente antagonismo entre nações, atribui-se uma importância desmesurada às novas pestes contemporâneas — o alcoolismo, a sífilis e a tuberculose — que são responsabilizadas pela degradação física da população. O carácter hereditário e progressivo que se lhes atribui e a sua interrelação mútua, geraram a convicção de que uma catástrofe biológica teria lugar, caso não fossem criados os mecanismos preventivos capazes de conter a situação. O desenvolvimento das ciências médicas, sobretudo da bacteriologia, após as descobertas de Pasteur vêm pôr em causa estas teses e desdramatizar a sua influência degenerativa na espécie humana.

Este discurso que nasceu em França, onde serviu de justificação

(60) *Boletim Official da União Velocipedica Portugueza*, nº 43, Janeiro a Março de 1909. Já em 1905 o mesmo pedido tinha sido formulado, sem grandes resultados, *Boletim Official da União Velocipedica Portugueza*, nº 12, 2º anno, Março de 1906.

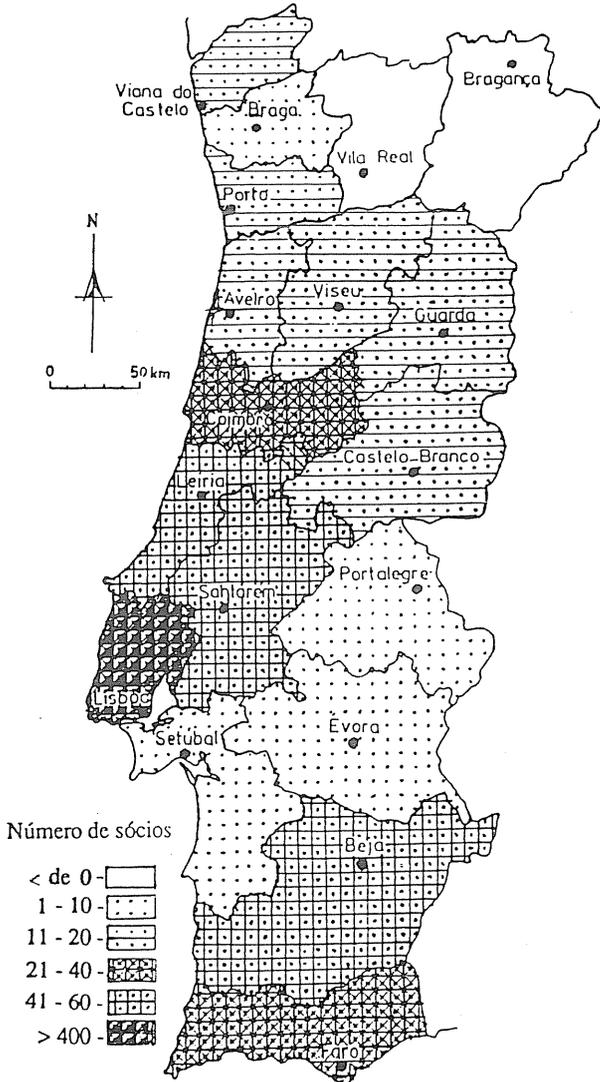
para a derrota frente ao exército prussiano, alargou-se posteriormente a outros países.

Em Portugal, será preciso esperar pela década de 90 do século passado para que este tema extravase as teses de medicina e ganhe toda a sociedade civil. Numa atmosfera de nacionalismo exacerbado, de receios e de temores que se seguiram ao Ultimatum britânico, multiplicam-se as obras e toda uma série de escritos, redigidos fundamentalmente por médicos e higienistas que, alertando para os sintomas de "abastardamento da raça portuguesa", propunham medidas concretas capazes de constituírem soluções válidas na aquisição dos meios de defesa contra o "inglês, nosso inimigo", como se escrevia numa tese de Higiene.

Nesta batalha patriótica, a questão da educação das novas gerações assume particular transcendência. Não se trata, apenas, de ministrar informações básicas de higiene e de se fundarem centros de apoio à primeira infância mas, sobretudo, de preparar fisicamente as gerações do futuro, mediante a prática de actividades gimno-desportivas, concebidas expressamente como a base da educação física necessária a toda a população e, em particular, aos futuros soldados.

O desenvolvimento do desporto em Portugal é, pois, e em grande parte, uma consequência do nacionalismo pós-Ultimatum, sendo encarado como uma panaceia capaz de restituir aos portugueses as qualidades antropológicas e morais dos velhos "lusitanos". Porém, entre a teoria e a prática, entre a grandeza patriótica desta missão e a realidade da educação física, o acordo não foi possível. O carácter elitista de muitas das actividades desportivas; a escassez de professores diplomados, de instalações e campos adequados à prática desportiva; a falta de frequência escolar nas aulas de educação física e a própria resistência dos defensores dos velhos sistemas educativos que encaravam com maus olhos o novo culto do corpo, foram factores que limitaram na prática a extensão social deste nacionalismo desportivo. Porém, a análise deste fenómeno é outra história que deixarei para uma nova oportunidade...

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DOS SÓCIOS DA UNIÃO VELOCIPÉDICA PORTUGUESA (SETEMBRO DE 1905 A SETEMBRO DE 1906)



Fonte: Boletim Oficial da União Velocipédica Portuguesa (...)